O SANTA NOTICIOU

Editora: Chéisi Soares ☎ (47) 3221-1563 cheisi.soares@santa.com.br

Editora assistente: Camila Morales ☎ (47) 3221-1522 camila.morales@santa.com.br

Blumenau sofre cada vez mais pichações. Fenômeno tende a crescer sem locais para a expressão popular

ANDERSON SILVA
anderson.silva@santa.com.br

Nos tapumes das obras da Foz do Brasil, em praças públicas, nas paredes de lojas. As marcas estão estampadas em diversos lugares da cidade, não importa o tamanho, a distância ou dificuldade de acesso. Chamadas por alguns de pichação e outros de grafite, as marcas são compostas de símbolos e letras. Em duas unidades de uma loja de colchões, na Rua São Paulo e na Avenida Martin Luther, os vândalos deixaram pelos menos cinco marcas nos últimos três meses.

– A gente vive exposto a isso. Limpamos com frequência, mas novamente eles voltam a fazer – conta a gerente das lojas, Ana Lessa.

Blumenau ainda não amadureceu a discussão sobre o fenômeno situado entre a expressão artística livre e a criminalidade que gera poluição visual. Prova disso são a falta de denúncias contra pichadores junto aos órgãos públicos e a inexistência de programas municipais específicos para combater a tendência que aflige as grandes cidades.

Para o secretário de Serviços Urbanos, Éder Marchi, as pichações são danosas ao município:

– Há uma minoria de blumenauses que provoca estes danos, que acha que por serem locais públicos, não são de ninguém. O dinheiro gasto para limpeza poderia ir para outra obra, valorizando o dinheiro público, que vem do imposto que todos pagam.

O crescimento das ações tem chamado atenção até mesmo de quem milita nas artes urbanas. Diferente do grafite, classificado pelos adeptos como uma ação artística, a pichação é considerada por eles vandalismo sem propósito evidente. Um artista de rua, que preferiu não se identificar para evitar ter o nome ligado aos ataques, afirmou que os pichadores começaram de forma tímida, mas que estão ousando ultimamente. Para ele, a tendência é que os adeptos continuem praticando as pichações:

– Isto não tem mais retorno. Estas pessoas, de alguma forma, apresentam pleitos e reivindicações nas comunidades ou buscam afirmar seus territórios.

> *"O dinheiro gasto para limpeza poderia ir para outra obra, valorizando o dinheiro público*
>
> **Éder Marchi,** *secretário de Serviços Urbanos*

Especialista defende o envolvimento dos pichadores em ações da cidade

Para evitar que os ataques continuem ocorrendo, especialistas sugerem que os jovens tenham a oportunidade de expressar seus trabalhos sem a necessidade de cometer atos de vandalismos. Doutora em Psicologia Social e professora da Furb, Catarina Gweher recomenda que os artistas de rua possam ser incluídos em políticas públicas visando à inserção na sociedade.

– Eles precisam sentir que fazem parte da cidade. Por que não criar um espaço em que possam fazer pinturas e expressar suas marcas?

Enquanto isso, de acordo com ela, os adeptos continuam com a prática em busca de marcação de territórios e de que a assinatura deles apareça mais em um determinado lugar. Segundo Catarina, quanto mais estes jovens forem contrariados, maior será a vontade de agir com vandalismo e pichações. Por isso, convidá-los para uma participação efetiva na sociedade reduziria os ataques ao patrimônio e aumentaria a ação dos artistas em prol da comunidade e embelezamento de alguns pontos do município, de acordo com a professora.

OPINIÃO

Sávio Abi-Zaid, *designer e cocriador da Balbúrdia, coletivo de artes gráficas e visuais*

Arte urbana

"Arte" normalmente é associada ao que se encontra em museus, galerias e mansões de colecionadores. Esta é a imagem generalizada. Assim a "Arte" fica protegida, segregada, e o acesso a ela é franqueado a alguns escolhidos. A arte urbana é a resposta à segregação. Ela é libertada, exposta e está a mercê de todos, para o bem e para o mal, feita da rua e na rua para a rua. Desta forma, ela foi, com o passar do tempo, proibida, combatida, punida, coberta com brasileiros, mundo afora.

No coletivo Balbúrdia, admiramos a arte urbana. Criamos e incentivamos, exposta na rua ou entre quatro paredes. Mas repudiamos a aplicação em locais impróprios, como o ataque ao Museu de Hábitos e Costumes. É, no entanto, difícil delimitar a impropriedade. Alguns de nós não veem problema na aplicação em locais privados, caso degradados. Entendemos que toda ação para recuperar o espaço urbano deve ser louvada. Condenamos atos meramente ególatras. Ao "marcação

PATRICK RODRIGUES
Ponte Adolpho Konder

PATRICK RODRIGUES
Avenida Beira Rio

PATRICK RODRIGUES
Ponte Adolpho Konder

PATRICK RODRIGUES
Rua Benjamin Constant

JANDYR NASCIMENTO
Rua Max Hering

PATRICK RODRIGUES
Rua Almirante Barroso

JANDYR NASCIMENTO
Rua Almirante Barroso

PATRICK RODRIGUES
Avenida Beira-Rio

Problema que se multiplica

JANDYR NASCIMENTO
Rua Fritz Muller

JANDYR NASCIMENTO
Rua Martin Luther

JANDYR NASCIMENTO
Rua Max Hering

JANDYR NASCIMENTO
Praça do Estudante

PATRICK RODRIGUES

PATRICK RODRIGUES

PATRICK RODRIGUES

PATRICK RODRIGUES

O QUE DIZ A LEI

A pichação consta da lei de crimes ambientais

- A pena por pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano é de três meses a um ano de prisão, mais multa
- Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada como patrimônio, a pena é de seis meses a um ano de detenção e multa
- Não constitui crime a prática de grafite com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente

Fonte: www.planalto.gov.br

EXEMPLO DE SÃO PAULO

Em Limeira, interior de São Paulo, uma lei regulamenta os ataques com pichações a partir do pagamento de multas de até

R$ 11,6 mil.

Como medida inicial, o vândalo é intimado a limpar as pinturas em até cinco dias. Caso não faça isso, recebe multa e ainda tem de limpar as pichações

Prefeitura conta com equipe exclusiva para consertar vandalismos

Consciente do problema das pichações, a secretaria de Serviços Urbanos de Blumenau mantém uma equipe destinada somente a consertar os atos de vandalismo praticados na cidade. O grupo é formado por até 30 pessoas, dependendo do período do ano. Segundo o secretário Éder Marchi, não há um número específico de atendimentos e gastos apenas com pichações, mas ele afirma que os operários têm a agenda cheia para reparar as pinturas e outros estragos.

Na parte da fiscalização, a Polícia Militar (PM) relata que os chamados e atendimentos sobre pichações são poucos. Quando a pessoa é flagrada cometendo o ato em prédios públicos, ela é conduzida à delegacia imediatamente.

No entanto, se o dano for causado em áreas de patrimônio particular, é necessário que o proprietário do imóvel faça uma representação contra o pichador. Caso seja em propriedade particular, não há nem necessidade de condução à delegacia, já que os policiais fazem um termo circunstanciado no local do ataque.

Na visão do artista plástico Cesar Otacílio, a pichação é um ato de rebeldia dos jovens, como a música

Como denunciar

190 Polícia Militar

156 Ouvidoria da prefeitura

3326-6951 Secretaria de Serviços Urbanos

Na edição de 4 de outubro do ano passado, reportagem mostrou o crescimento das pichações pela cidade. Desde então, o problema aumentou